

A história do pequeno Muck

Tradução de Mauni Oliveira

Em Niceia¹, minha querida terra natal, morava um homem a quem chamavam o pequeno Muck. Lembro-me bem dele, embora eu fosse então ainda muito jovem, sobretudo porque uma vez fui surrado por meu pai por sua causa. É que o pequeno Muck já tinha certa idade quando o conheci; mas, sua altura medindo apenas entre noventa centímetros e um metro e vinte de altura, era uma figura singular, pois seu corpo, que era tão pequeno e gracioso, precisava carregar uma cabeça muito maior e mais robusta que a de outras pessoas; ele vivia completamente sozinho em uma casa grande e até mesmo cozinhava para si; na cidade não se saberia se ele estava vivo ou morto se não subisse da casa uma densa fumaça por volta do meio-dia, pois ele só saía a cada quatro semanas. Via-se muitas vezes ele subir e descer de seu telhado, mas da rua se julgava que apenas sua grande cabeça andava pelo telhado. Eu e meus companheiros éramos meninos levados, fazíamos troça e ríamos de qualquer um, por isso era sempre um dia de festa para nós quando o pequeno Muck saía; nos reuníamos no dia determinado em frente à sua casa e esperávamos até que ele saísse; quando a porta se abria e a grande cabeça com o turbante ainda maior olhava para fora, quando o corpinho restante vinha atrás, vestido com um casaquinho gasto, calças compridas e um cinto largo, do qual pendia um longo punhal, tão longo que não se sabia se Muck levava o punhal ou se o punhal levava Muck, quando ele saía assim, o ar ressoava com nossos gritos de alegria, jogávamos bonés para o alto e dançávamos como loucos ao seu redor. O pequeno Muck, porém, cumprimentava-nos com um grave aceno de cabeça e ia pela rua a passos lentos. Nós, garotos, íamos atrás dele e gritávamos sempre:

¹ İznik, Niceia na Antiguidade, é uma cidade situada na região de Marmara, província de Bursa, Turquia.

– Pequeno Muck, pequeno Muck!
Também tínhamos um versinho engraçado que cantávamos de vez em quando em sua honra:

“Pequeno Muck, pequeno Muck,
Em uma grande casa moras,
Não passeias, já faz horas,
Oh, pequeno e bravo anão,
Com cabeça de melão.
Não adianta nem tentar,
Não consegues nos pegar.
Pequeno Muck!

Assim fizéramos muitas vezes em nosso divertimento e, para minha vergonha, devo confessar, eu fazia o pior; pois eu muitas vezes o puxava pelo casaquinho e uma vez também pisei nas grandes babuchas e ele acabou caindo. Isso me parecia muito ridículo, mas meu riso se calou quando vi o pequeno Muck ir à casa de meu pai. Ele entrou direto e permaneceu algum tempo lá. Escondi-me na porta da frente e vi o Muck sair novamente, acompanhado pelo meu pai, que lhe apertava a mão respeitosamente e, na porta, despedia-se dele com muitas mesuras. Não me senti nada bem; por isso permaneci bastante tempo no meu esconderijo; mas enfim a fome, que eu temia mais que a surra, impeliu-me e, humilde e com a cabeça baixa, pus-me diante de meu pai.

– Segundo o que ouvi, xingaste o bom Muck? – disse ele muito gravemente. Quero contar-te a história desse Muck e certamente não rirás mais dele; mas, como sempre, recebes o *habitual*.

Só que o habitual eram vinte e cinco golpes, que ele costumava contar muito bem. Ele tomou para isso seu longo cachimbo, retirou a boquilha de âmbar e surrou-me pior do que nunca.

Quando os vinte e cinco estavam completos, mandou-me prestar atenção e contou-me sobre o *pequeno Muck*:

O pai do pequeno Muck, que na verdade se chama *Muckrah*, era um homem distinto, mas pobre aqui de Niceia. Ele vivia quase tão solitário quanto seu filho agora. Não conseguia tolerá-lo, porque se envergonhava de sua forma anã e, portanto, deixou-o crescer na ignorância. O pequeno Muck ainda era bastante infantil para seus dezessete anos, e o pai, um homem severo, sempre o repreendia por ele, que há muito deveria haver deixado de criancices, ser tão estúpido e tolo.

Mas o velho sofreu uma queda grave e veio a falecer, deixando o pequeno Muck pobre e ignorante. Os parentes cruéis, aos quais o falecido devia mais do que podia pagar, correram o pobre pequeno da casa e aconselharam-no a sair pelo mundo e buscar sua fortuna. O pequeno Muck respondeu que já

estava pronto para partir, mas pediu ainda o traje de seu pai apenas e isso lhe foi concedido. Seu pai havia sido um homem grande e forte, por isso as roupas não serviam. Mas Muck logo soube o que fazer: cortou o que estava muito comprido e então vestiu as roupas. Pareceu, entretanto, ter esquecido que ele também precisaria cortar na largura, por isso seu estranho traje, como ainda hoje se pode ver: o turbante grande, o cinto largo, as calças amplas, o casaquinho azul, tudo isso é herança de seu pai, que ele veste desde então. Enfiou no cinto o punhal de Damasco de seu pai, pegou uma varinha e saiu pela porta.

Caminhou alegremente o dia inteiro, pois ele havia partido para buscar sua fortuna. Quando via um caco brilhar na luz do sol, certamente o guardava consigo, na crença de que ele se transformaria no mais belo diamante; se ele via à distância a cúpula de uma mesquita brilhar como fogo, se via um lago fulgir como um espelho, então se apressava cheio de alegria até lá, pois pensava haver chegado a uma terra mágica. Mas, ah!, essas ilusões desapareciam ao se aproximar e logo o cansaço e o estômago rugindo de fome lembravam de que ele ainda se encontrava na terra dos mortais. Assim viajara ele por dois dias com fome e aflição e perdia a esperança de encontrar sua fortuna; as frutas do campo eram seu único alimento, a terra dura seu pouso. Na manhã do terceiro dia avistou de uma elevação uma grande cidade.

A meia-lua luzia clara nas suas ameias, bandeiras coloridas cintilavam nos telhados e pareciam acenar para que o pequeno Muck se aproximasse delas. Surpreso, ficou parado e observou a cidade e a região. “Sim, ali o Pequeno Muck vai encontrar sua fortuna”, falou para si e saltitou, apesar de seu cansaço, “*ali ou em lugar algum.*” Reuniu todas as suas forças e avançou em direção à cidade. Mas embora ela parecesse estar muito perto, ele só conseguiu alcançá-la pelo meio-dia, pois seus pequenos membros praticamente não podiam mais cumprir sua função e ele precisava muitas vezes sentar sob a sombra de uma palmeira para se refazer. Finalmente chegara à porta da cidade. Ajeitou seu casaquinho, pôs mais bonito o turbante, apertou ainda mais o cinto e prendeu melhor o longo punhal; então limpou a poeira dos sapatos, pegou sua varinha e caminhou animadamente pelo portal.

Já havia vagado por algumas ruas, mas em nenhuma parte lhe abriam a porta, em nenhuma parte alguém chamava, como ele havia imaginado: “Pequeno Muck, entre e beba, e deixe seus pezinhos descansarem!”

Ele olhou novamente muito saudosos para uma grande e bela casa; então se abriu uma janela, uma velha senhora olhou para fora e chamou com voz cantante;

Corram, corram!
Pronto está o almoço!
Mingau sem carvão!

A mesa está posta!
Será que alguém gosta?
Corram, vizinhos!
Quitutes quentinhos!

A porta da casa se abriu e Muck viu muitos cães e gatos entrarem. Ele parou por alguns momentos na dúvida se ele deveria seguir o convite, mas finalmente tomou coragem e entrou na casa. À frente dele iam dois gatinhos e ele decidiu segui-los, pois talvez eles conhecessem a cozinha melhor que ele.

Quando Muck havia subido a escada, encontrou aquela velha senhora que olhara para fora da janela. Ela olhou-o com cara de poucos amigos e perguntou o que ele queria.

– Mas tu convidaste todos para o teu mingau, – respondeu o pequeno Muck, – e por estar tão faminto, eu também vim.

A velha riu e falou:

– Então de onde vens, estranho camarada? Toda a cidade sabe que eu não cozinho para ninguém mais que meus queridos gatos e às vezes convido companhia da vizinhança, como vês.

O pequeno Muck contou à velha senhora como tudo lhe havia corrido mal após a morte de seu pai e pediu-lhe que o deixasse comer com seus gatos hoje. A velha, que provavelmente gostou da história sincera do pequeno, permitiu-lhe ser seu convidado e deu-lhe bastante para comer e beber. Quando ele estava satisfeito e fortalecido, a senhora observou-lhe por um longo tempo e então disse:

– Pequeno Muck, fique comigo a meu serviço! Tens pouco trabalho e serás bem tratado.

O pequeno Muck, a quem o mingau de gatos havia agradado, concordou e tornou-se assim o criado da Senhora Ahavzi. Ele tinha um serviço leve, mas singular. A senhora Ahavzi tinha dois gatos e quatro gatas: todas as manhãs o pequeno Muck tinha que escovar seu pelos e untá-los com delicados bálsamos; quando a senhora saía, ele tinha de dar atenção aos gatos; quando eles comiam, tinha de servir-lhes as tigelas, e à noite tinha de colocá-los em almofadas de seda e agasalhá-los com cobertores de veludo. Ainda havia alguns cãesinhos na casa aos quais ele tinha de atender, mas com esses não eram feitas tantas cerimônias como com os gatos, os quais a Senhora Ahavzi considerava como seus próprios filhos. De resto, Muck levava uma vida tão solitária quanto na casa de seu pai, pois além da senhora ele só via cães e gatos o dia inteiro. Por algum tempo correu tudo bem para o pequeno Muck; ele tinha sempre o que comer e pouco trabalho, e a velha senhora parecia estar bem satisfeita com ele; mas os gatos se tornaram cada vez mais travessos: quando a velha saía, pulavam como se possuídos pelos cômodos, bagunçando tudo e quebrando muita louça fina que estivesse em seu caminho. Porém, quando ouviam a senhora subindo

a escada, escondiam-se em suas almofadas e abanavam suas caudas para ela, como se nada tivesse acontecido. A Senhora Ahavzi então se irritava quando via seus cômodos tão depredados e empurrava toda a culpa para Muck; ele podia protestar sua inocência o quanto quisesse: ela acreditava mais em seus gatos, que pareciam tão inocentes, do que em seu criado.

O pequeno Muck estava tão triste por também não haver encontrado aqui sua fortuna, que decidiu deixar o serviço com a Senhora Ahavzi. Mas dado que ele havia aprendido quão mal se vive sem dinheiro em sua primeira viagem, decidiu conseguir de alguma forma o salário que a sua patroa lhe prometera, mas nunca dera. Havia na casa da Senhora Ahavzi um quarto que estava sempre fechado e cujo interior ele nunca havia visto. Mas ele já havia ouvido muitas vezes a senhora rumar lá dentro e várias vezes teria dado a vida para saber o que ela escondia ali. Ao pensar agora no seu dinheiro para a viagem, ocorreu-lhe que ali podiam estar escondidos os tesouros da senhora. Porém a porta estava sempre bem trancada e por isso ele nunca poderia chegar aos tesouros.

Uma manhã, quando a Senhora Ahavzi saía, puxou-lhe pelas pernas largas das calças um dos cãesinhos, que sempre era tratado com muita indiferença pela senhora, mas cujo favor ele havia ganho em alto grau por meio de todo tipo de agrados, e deu mostras de que Muck deveria segui-lo. Muck, que gostava de brincar com os cães, seguiu-o, e veja só, o cãozinho levou-o ao quarto da Senhora Ahavzi, onde havia uma pequena porta que ele nunca havia notado antes. A porta estava entreaberta. O cãozinho entrou e Muck seguiu-o, e quão alegre não ficou ao ver que se encontrava no aposento que havia tanto era o alvo de seus desejos. Ele olhou tudo ao redor para ver se poderia encontrar dinheiro, mas não encontrou nada. Somente vestidos velhos e louças com formas estranhas estavam ao redor. Uma dessas louças chamou sua atenção em especial. Era de cristal e tinha bonitas figuras recortadas. Ele levantou-a e girou-a em todas as direções. Mas, que susto! Ele não havia notado que ela tinha uma tampa que estava apenas levemente encaixada. A tampa tombou e quebrou-se em mil pedacinhos.

Por um longo momento o pequeno Muck ficou inerte de susto. Agora seu destino estava traçado, agora ele precisava fugir, senão a velha o mataria. Imediatamente também estava decidida sua viagem e ele queria olhar ao redor só mais uma vez para ver se poderia precisar de alguma coisa dos pertences da Senhora Ahavzi para o seu percurso. Então avistou um par de imensas babuchas; elas não eram bonitas, mas as suas não podiam fazer mais nenhuma viagem; também o atraíam por causa de seu tamanho; pois se as tivesse nos pés, quem sabe todas as pessoas vissem que ele havia deixado de criancices. Ele então tirou rápido suas babuchas e colocou as grandes. Uma bengala com uma cabeça de leão finamente talhada também lhe pareceu estar muito ociosa aqui no canto; pegou-a e apressou-se para fora do cômodo. Então foi rapidamente ao seu

quarto, vestiu seu casaquinho, colocou o turbante paterno, enfiou o punhal no cinto e correu tão rápido quanto seus pés podiam levá-lo para fora da casa e da cidade. Fora da cidade, correu sem olhar para trás de medo da velha, até que não pôde mais de cansaço. Ele nunca havia corrido tão rápido em sua vida; sim, parecia que ele não podia mais parar de correr; pois uma força invisível parecia impeli-lo adiante. Por fim percebeu que as babuchas deviam ser especiais; pois elas disparavam sempre em frente e levavam-no consigo. Ele tentou de todas as formas ficar parado; mas não conseguiu; então chamou em voz alta em grande aflição, como se chama os cavalos: “Oh – oh, alto, oh!” Aí as babuchas pararam e Muck exausto jogou-se no chão.

Ele gostava muito das babuchas. Havia ganhado algo que poderia ajudá-lo pelo mundo em seu caminho para buscar a fortuna. Apesar de sua alegria, adormeceu de exaustão, pois o corpinho do pequeno Muck, que tinha que carregar uma cabeça tão pesada, não podia aguentar muito. Em sonho apareceu-lhe o cãozinho que lhe arranjara as babuchas na casa da Senhora Ahavzi e falou-lhe: “Querido Muck, ainda não entendes bem o uso das babuchas; saibas que se tu girares três vezes sobre o calcanhar com elas, podes voar para onde quer que tu queiras e com a bengalinha podes encontrar tesouros, pois onde há ouro enterrado, ela baterá três vezes no chão, onde houver prata, duas.” Assim sonhou o pequeno Muck. Mas quando acordou, pensou sobre o estranho sonho e decidiu fazer em breve uma tentativa. Calçou as babuchas, levantou um pé e começou a girar sobre o calcanhar. Mas quem alguma vez tentou fazer esse malabarismo com uma babucha extremamente larga não se surpreenderá que o pequeno Muck não conseguisse de imediato, especialmente pensando que sua pesada cabeça o puxava ora para este, ora para o outro lado.

O pobre pequeno caiu algumas vezes valentemente de nariz no chão; mas não se deixou desanimar de repetir a tentativa e por fim conseguiu. Girou sobre seu calcanhar como uma roda, desejou estar na cidade grande mais próxima e – as babuchas vogaram no ar, correram como o vento através das nuvens e, antes que o pequeno Muck pudesse dar-se conta de como aconteceu, já se encontrava em uma grande praça, onde muitas barracas estavam armadas e muitas pessoas iam pra lá e pra cá atarefadas. Ele caminhou entre as pessoas, mas achou que era mais aconselhável ir para uma rua mais isolada, pois na feira, ora alguém lhe pisava nas babuchas e ele quase caía, ora ele esbarrava em um ou outro com seu longo punhal saliente, de modo que ele só escapava dos golpes com dificuldade.

O pequeno Muck considerava agora seriamente o que ele poderia fazer para ganhar algum dinheiro; ele tinha uma bengala que lhe mostrava tesouros escondidos, mas onde ele encontraria um lugar onde ouro ou prata estariam enterrados? Em caso de necessidade ele poderia exibir-se publicamente por dinheiro; mas para isso ele ainda era muito orgulhoso. Finalmente deu-se conta da rapidez de seus pés; “talvez”, pensou ele, “minhas babuchas possam conseguir-

-me sustento”, e decidiu trabalhar como mensageiro. Mas, na expectativa que o rei desta cidade pagasse melhor por tal serviço, perguntou pelo palácio. Sob o portão do palácio havia um guarda que lhe perguntou o que estava procurando ali. À sua resposta de que procurava um serviço, apontou-o ao feitor dos escravos. A este apresentou seu desejo e pediu-lhe para conseguir-lhe um serviço entre os mensageiros reais. O feitor mediu-o com os olhos da cabeça aos pés e falou:

– Com teus pezinhos que nem bem um palmo têm, como queres tornar-te corredor real? Vai embora, não estou aqui para me distrair com cada louco.

O pequeno Muck assegurou-lhe, porém, de que era completamente sério sobre seu pedido e que queria ter uma chance em uma aposta com o mais rápido. A coisa pareceu totalmente ridícula para o feitor; ele ordenou-lhe que se reservasse para uma corrida até a noite, levou-o à cozinha e cuidou para que comida e bebida apropriada lhe fosse servida; ele mesmo foi ao rei e contou-lhe sobre o pequeno Muck e sua proposta. O rei era um senhor divertido, por isso agradou-lhe que o feitor dos escravos tivesse mantido o pequeno para uma diversão; ele ordenou-lhe tomar medidas em um grande campo atrás do castelo, para que a corrida pudesse ser vista com comodidade por toda sua corte e recomendou-lhe mais uma vez ter muito zelo com o anão. O rei contou a seus príncipes e princesas o que teriam de espetáculo para esta noite, esses recontaram-no a seus serviçais e quando chegou a noite, estava-se em uma expectativa ansiosa e tudo o que tinha pés correu para o campo, onde palanques foram erguidos para se ver o pretensioso anão.

Quando o rei e seus filhos e filhas haviam tomado seus lugares no palanque, o pequeno Muck apareceu no campo e fez uma reverência muito graciosa diante dos grandes senhores. Um grito geral de alegria ecoou quando o pequeno foi avistado; nunca se havia visto tal figura ali. O corpinho com a cabeça enorme, o casaquinho e as calças largas, o longo punhal no largo cinto, os pequenos pezinhos nas largas babuchas – não! Era muito cômico para se ver e não poder rir alto. Mas o pequeno Muck não se deixou desconcertar pela risada. Ele apresentou-se orgulhoso, apoiado em sua bengala, e esperou seu oponente. O feitor dos escravos havia procurado o melhor corredor conforme desejo do próprio Muck. Este então saiu, posicionou-se ao lado do pequeno e ambos aguardaram o sinal. Então a princesa Amarza acenou com seu véu, como fora combinado, e como duas flechas atiradas a um mesmo alvo, os dois corredores voaram pelo campo.

Desde o início o oponente de Muck teve uma vantagem significativa, mas este perseguiu-o com suas babuchas, alcançou-o, ultrapassou-o e estava há muito no fim quando aquele ainda corria até lá, respirando com dificuldade. Admiração e espanto paralisaram por alguns momentos o público, mas quando o rei bateu palmas, a multidão exultou e todos gritaram: “Longa vida ao pequeno Muck, o vencedor da corrida!”

Nesse meio tempo, o pequeno Muck foi levado para o rei; ele prostrou-se diante dele e falou:

– Grande e poderoso rei, dei-te aqui apenas uma pequena mostra da minha arte; queiras apenas permitir que me seja dado um lugar entre teus corredores!

Mas o rei respondeu-lhe:

– Não, tu deves ser meu corredor pessoal e sempre estar junto a mim, caro Muck; deverás receber anualmente cem peças de ouro como pagamento e comer na mesa dos meus primeiros serviçais.

Pois assim Muck acreditou por fim haver encontrado a fortuna que ele por tanto tempo procurava e estava feliz e alegre em seu coração. Ele também gozava do favor especial do rei, pois este o usava para suas missões mais rápidas e secretas, de que ele cuidava então com a maior precisão e com incrível velocidade.

Os demais serviçais do rei, porém, não gostavam dele, porque, a contragosto, se viam preteridos no favor de seu senhor por um anão que não sabia mais que correr rápido. Por isso organizaram muitas conspirações contra ele, para derrubá-lo; mas todas falhavam devido à grande confiança que o rei depositava em seu primeiro-corredor pessoal (pois em tão pouco tempo ele havia sido elevado a essa honra).

Muck, a quem esses movimentos contra ele não escapavam, não pensava em vingança, ele tinha um coração muito bom para isso, pensava em meios para se fazer necessário e querido por seus inimigos. Aí lembrou-se de sua bengalinha, que ele havia deixado sem atenção em sua alegria; se ele achasse tesouros, pensou ele, os senhores se tornariam mais inclinados a ele. Ele já havia ouvido muitas vezes que o pai do atual rei tinha enterrado muitos de seus tesouros quando o inimigo havia atacado seu reino; dizia-se também que ele tinha morrido por isso, sem que pudesse contar seu segredo a seu filho. A partir de então Muck levava sempre sua bengalinha, na esperança de alguma vez passar por um lugar onde o dinheiro do antigo rei estaria enterrado. Uma noite o acaso levou-lhe a uma parte remota do jardim do castelo que ele pouco visitava e, de repente, sentiu a bengalinha puxar sua mão e bater três vezes contra o chão. Agora ele já sabia o que isso significava. Por isso, puxou seu punhal, fez sinais nas árvores ao redor e esgueirou-se de volta ao castelo; lá conseguiu uma pá e esperou pela madrugada para sua empreitada.

A própria caça ao tesouro fez o pequeno Muck conseguir mais do que ele havia acreditado.

Seus braços eram muito fracos, mas sua pá era grande e pesada; e ele devia provavelmente ter trabalhado já duas horas antes que tivesse cavado um metro de profundidade. Finalmente deparou-se com algo duro que soava como ferro. Agora ele cavava com mais força e logo havia trazido à luz uma grande tampa de ferro; ele próprio desceu para a cova para espreitar o que a tampa provavelmente poderia cobrir e encontrou justamente um grande pote cheio

de peças de ouro. Mas suas débeis forças não alcançavam levantar o pote, por isso ele enfiou em suas calças e seu cinto tanto quanto podia carregar e encheu também seu casaquinho com elas, cobriu novamente o restante com cuidado e carregou-o nas costas. Mas, em verdade, se ele não tivesse as babuchas nos pés, não teria saído do lugar, pois o peso do ouro puxava-o para baixo. Chegou ao seu quarto sem ser notado e ali guardou seu ouro sob as almofadas de seu sofá.

Quando o pequeno Muck viu-se em posse de tanto ouro, acreditou que agora viraria o jogo e que conseguiria muitos protetores e calorosos partidários entre seus inimigos na corte. Mas justo por isso podia-se reconhecer que o bom Muck não devia ter desfrutado de uma educação zelosa, pois provavelmente não imaginaria que com ouro ganharia verdadeiros amigos. Ah, tivesse ele então posto sebo nas canelas e sumido com seu casaquinho cheio de ouro!

O ouro que o pequeno Muck a partir de agora distribuía de mãos abertas despetou a inveja dos demais serviçais da corte. O mestre cozinheiro Ahuli disse:

– Ele é um falsário.

O feitor de escravos Achmet disse:

– Ele ganhou do rei.

Mas o tesoureiro Archaz, seu pior inimigo, que tinha poderes de fazer retiradas do dinheiro do rei, disse sem rodeios:

– Ele o roubou.

Para terem certeza de sua causa, combinaram-se e o mordomo Korchuz apresentou-se um dia muito triste e abatido aos olhos do rei. Ele fez gestos de tristeza tão ostensivos que o rei perguntou-lhe o que o afligia.

– Ah,– respondeu ele, – estou triste por haver perdido as graças do meu senhor.

– O que estás inventando, amigo Korchuz?– retorquiu-lhe o rei. – Desde quando teria deixado de brilhar o sol das minhas graças sobre ti?

O mordomo respondeu-lhe que ele cobria de ouro o seu primeiro-corredor pessoal, mas não dava nada a seu pobre e fiel servidor.

O rei estava muito surpreso com essa notícia, deixou contarem-lhe da distribuição de ouro do pequeno Muck e os conspiradores facilmente levaram-no à suspeita de que Muck roubava de alguma forma o dinheiro do tesouro. O tesoureiro, que não prestava contas de bom grado, gostou muito dessa virada nas coisas. O rei deu, portanto, a ordem para que secretamente se prestasse atenção a todos os passos do pequeno Muck para, se possível, pegá-lo no ato. Quando, na noite que sucedeu esse triste dia, o pequeno Muck, que por sua generosidade via seus fundos exauridos, pegou a pá e esgueirou-se ao jardim do castelo para lá buscar novo sortimento de seu tesouro secreto, os guardas seguiram-no de longe, liderados pelo mestre cozinheiro Ahuli e pelo tesoureiro Archaz, e, no momento em que ele ia colocar o ouro do pote em seu casaquinho, surpreenderam-no, amarraram-no e levaram-no imediatamente ao rei.

Este, a quem a interrupção do seu sono havia deixado mal-humorado, recebeu seu pobre primeiro-corredor pessoal muito desfavoravelmente e iniciou imediatamente o interrogatório. Haviam retirado o pote completamente da terra e colocado aos pés do rei junto com a pá e com o casaquinho cheio de ouro. O tesoureiro disse que havia surpreendido Muck com seus guardas, justamente quando ele enterrava esse pote com ouro da terra.

O rei então perguntou ao acusado se isso era verdade e de onde ele recebera o ouro que ele enterrara.

O pequeno Muck, consciente de sua inocência, declarou que havia encontrado esse pote no jardim, que ele não o queria enterrar e sim desenterrar.

Todos os presentes riram alto dessa desculpa, mas o rei, muito revoltado com a aparente audácia do pequeno, exclamou:

– Como, miserável! Queres mentir tão tola e vergonhosamente ao teu rei depois de havê-lo roubado? Tesoureiro Archaz! Intimo-te a dizer se reconheces esta soma em ouro como a que falta no meu tesouro.

Mas o tesoureiro respondeu que tinha certeza da sua causa: tanto e ainda mais faltava há algum tempo no tesouro real e ele poderia jurar que isto era o que tinha sido roubado.

Então o rei ordenou que se colocasse o pequeno Muck em correntes apertadas e fosse levado até a torre; deu o ouro ao tesoureiro para que o levasse de volta ao tesouro. Satisfeito com o feliz desfecho do caso, este se retirou e contou em casa as brilhantes peças de ouro; mas este homem ruim jamais descobriu que no fundo do pote havia uma nota que dizia: “*O inimigo inundou meu reino, por isso enterro aqui uma parte de meus tesouros; quem o puder encontrar, também encontrará a maldição de seu rei se não entregá-lo imediatamente a meu filho! Rei Sadi.*”

O pequeno Muck fez tristes reflexões em sua masmorra; ele sabia que estava prevista a morte para roubo de propriedade real e ele não queria confiar ao rei o segredo da bengalinha, pois ele com razão temia ser roubado desta e de suas babuchas. Suas babuchas infelizmente também não podiam trazer-lhe auxílio algum; pois dado que ele estava trancado em apertadas correntes contra a parede, não podia girar sobre o calcanhar, por mais que se afligisse. Mas quando em outro dia sua morte foi anunciada, pensou que seria melhor viver sem a bengalinha mágica que morrer com ela, pediu ao rei uma audiência secreta e revelou-lhe o segredo. O rei de início não acreditou em sua confissão; mas o pequeno Muck prometeu uma amostra, se o rei lhe concedesse que ele não deveria ser morto.

O rei deu-lhe sua palavra e deixou, sem que Muck visse, algum ouro ser enterrado na terra e ordenou-lhe que buscasse com sua bengalinha. Em poucos momentos ele o havia encontrado; pois a bengalinha bateu claramente três vezes no chão. Então o rei percebeu que seu tesoureiro o enganara e enviou-lhe, como é costume no Oriente, *um cordão de seda* para que ele se estrangulasse.

Mas para o pequeno Muck falou:

– Eu te prometi tua vida; mas me parece que tu não possuis somente esse segredo da bengalinha; por isso permanecerás em prisão perpétua se não confessares qual tipo de relação isso tem com a tua veloz corrida.

O pequeno Muck, a quem a única noite na torre havia tirado qualquer vontade de um cativeiro mais prolongado, confessou que toda sua arte estava nas babuchas, mas não ensinou ao rei o segredo de girar três vezes sobre o calcanhar. O próprio rei calçou as babuchas para fazer um teste e correu feito louco pelo jardim; muitas vezes quis parar; mas não sabia como se fazia as babuchas pararem e o pequeno Muck, que não queria privar-se dessa pequena vingança, deixou-o correr até que ele caiu inconsciente ao chão.

Quando o rei havia recuperado os sentidos, estava terrivelmente brabo com o pequeno Muck, que o havia deixado correr tanto sem fôlego.

– Dei-te minha palavra de dar-te liberdade e vida; mas precisas deixar meu reino dentro de doze horas, ou faço-te em pedaços!

O rei emitiu ordens para que as babuchas e a bengalinha fossem colocadas em seu tesouro.

O pequeno Muck caminhou para fora do reino tão pobre quanto antes, amaldiçoando a loucura que o havia iludido de que ele podia ter um papel importante na corte. O reino do qual ele foi corrido por sorte não era grande, por isso ele já estava na fronteira após oito horas, ainda que o caminhar lhe parecesse muito aborrecido, visto que ele estava acostumado a suas queridas babuchas.

Quando ultrapassou a fronteira, deixou a estrada habitual para buscar o mais denso ermo das florestas e lá somente viver; pois ele estava zangado com todas as pessoas. Em uma densa floresta ele encontrou um lugar que lhe parecia bastante adequado para a decisão que ele havia tomado. Um riacho claro, cercado de grandes e sombrias figueiras, e uma grama macia convidavam-no; deitou-se ali no chão com o propósito de não ingerir mais nenhuma refeição, mas esperar pela morte. Em reflexões tristes sobre a morte adormeceu; mas quando acordou novamente e a fome começou a afligi-lo, ponderou que a morte de fome seria uma coisa perigosa e olhou em torno de si, para ver se poderia conseguir algo para comer em algum lugar.

Deliciosos figos maduros pendiam da árvore sob a qual ele dormira; ele subiu pra colher alguns, saboreou-os e então foi até o riacho para saciar sua sede. Mas qual não foi o seu susto quando a água mostrou-lhe sua cabeça ornada com duas orelhas enormes e um nariz grosso e comprido! Desanimado, estendeu as mãos às orelhas e, verdadeiramente, elas tinham mais de cinquenta centímetros.

– Eu mereço orelhas de burro!– exclamou ele; – pois como um burro pisoteei a minha fortuna.

Vagou sob as árvores e, quando sentiu fome novamente, precisou mais uma vez recorrer aos figos, pois não encontrava mais nada comestível nas árvores.

Quando estava na segunda porção de figos, pensando se suas orelhas teriam lugar debaixo de seu grande turbante, de forma que ele não parecesse tão ridículo, sentiu que suas orelhas haviam desaparecido. Ele correu imediatamente de volta ao riacho para se convencer de que realmente era isso; suas orelhas tinham sua forma anterior, seu nariz comprido e disforme não estava mais ali. Mas agora percebia como isso havia acontecido: ele havia recebido o nariz comprido e as orelhas da primeira figueira, a segunda o havia curado; com alegria reconheceu que sua boa sorte mais uma vez dava-lhe nas mãos os meios para ser feliz. Colheu, portanto, de cada árvore tanto quanto podia carregar e voltou ao reino que ele há pouco havia deixado. Lá se fez irreconhecível por outras roupas na primeira cidadezinha e então prosseguiu até a cidade que aquele rei habitava, chegando logo lá.

Era justamente numa época do ano em que frutas maduras ainda eram razoavelmente raras; por isso o pequeno Muck sentou-se sob a porta do palácio, pois ele bem sabia de tempos anteriores que tais raridades eram compradas pelo mestre cozinheiro para a mesa real. Muck não havia sentado há muito quando viu o mestre cozinheiro atravessar o pátio. Ele examinou as mercadorias dos vendedores que se encontravam na porta do palácio; por fim seu olhar caiu também sobre o cestinho de Muck.

– Ah, um bocado raro, – disse ele, – que certamente agradará Sua Majestade. O que queres pelo cesto inteiro?

O pequeno Muck determinou um preço razoável e logo haviam feito negócio. O mestre cozinheiro entregou o cesto a um escravo e seguiu adiante; o pequeno Muck, porém, sumiu nesse meio tempo, pois temia que quando a desgraça se mostrasse nas cabeças da corte, pudessem procurá-lo e puni-lo como vendedor.

O rei estava muito bem-humorado à mesa e disse a seu mestre cozinheiro repetidas vezes elogios por sua boa comida e pelo cuidado com que sempre procurava o mais raro para ele; mas o mestre cozinheiro, que sabia bem quais iguarias ainda tinha em segundo plano, sorria muito amigavelmente a todos e só dizia algumas palavras, como: “A noite é uma criança”, ou “Tudo está bem quando termina bem”, de forma que as princesas ficaram muito curiosas sobre o que ele ainda traria. Quando ele mandou servir os belos e convidativos figos, escapou um Ah! geral da boca dos presentes.

– Que maduros, que apetitosos! – exclamou o rei. – Mestre cozinheiro, és um grande homem e mereces nosso especial favor!

Falando assim, o rei, que costumava ser muito austero com tais iguarias, distribuiu com a própria mão os figos em sua mesa. Cada príncipe e cada princesa recebeu dois, as damas da corte e os vizires² e agas³ ganharam um, os restantes foram colocados à sua frente e o rei começou a devorá-los com grande satisfação.

2 Um vizir era um ministro e conselheiro de um sultão ou rei da antiga Pérsia e, posteriormente, de um país islâmico. O termo significa “ajudante”.

3 O aga era o título que os altos dignatários e alguns altos oficiais do exército recebiam no Império Otomano, como os comandantes dos diferentes serviços do exército, também o recebiam alguns de pequenas unidades militares.

– Mas, bom Deus, como pareces tão estranho, pai? – exclamou de repente a princesa Amarza.

Todos olharam espantados para o rei; orelhas enormes pendiam de sua cabeça, um nariz comprido se curvava sobre seu queixo; também olharam-se entre si com espanto e horror; todos estavam mais ou menos adornados com a mesma estranha máscara.

Imagine-se o terror da corte! Mandou-se imediatamente buscar todos os médicos da cidade; eles vieram aos montes, prescreveram pílulas e poções; mas as orelhas e os narizes permaneciam. Operou-se um dos príncipes; mas as orelhas voltaram a crescer.

Muck ouvira toda a história de seu esconderijo, onde havia se recolhido e percebeu que agora era hora de agir. Ele já havia conseguido antes com o dinheiro dos figos um traje que podia fazê-lo passar-se por sábio; uma longa barba de pelo de cabras completava a ilusão. Com um saquinho cheio de figos entrou no palácio do rei e ofereceu sua ajuda como médico estrangeiro. De início estava-se muito descrente; mas quando o pequeno Muck deu um figo para um dos príncipes comer e com isso trouxe orelhas e nariz ao antigo estado, todos queriam ser curados pelo médico estrangeiro. Mas o rei tomou-o pela mão em silêncio e levou-o a seu aposento; lá fechou a porta que levava ao tesouro e acenou para que Muck o seguisse.

– Aqui estão meus tesouros, – falou o rei, – escolhe, o que quer que seja, te será concedido se tu me livrares deste mal vergonhoso.

Isso era música para os ouvidos do pequeno Muck; ele havia visto logo na entrada suas babuchas no chão e bem ao lado estava também sua bengalinha. Ele caminhou então pelo salão, como se quisesse admirar os tesouros do rei; mas mal chegou às suas babuchas, calçou-as rapidamente, pegou sua bengalinha, arrancou sua falsa barba e mostrou ao espantado rei o rosto bem conhecido de seu rechaçado Muck.

– Rei desleal, – falou ele, – já que pagas o fiel serviço com ingratidão, toma como castigo bem merecido a deformidade que tu levas. Ficarás com as orelhas, para que te lembrem diariamente do pequeno Muck.

Quando havia falado assim, girou rapidamente sobre o calcanhar, desejou estar muito longe e antes que o rei pudesse chamar ajuda, o pequeno Muck havia escapado. Desde então o pequeno Muck vive aqui com grande prosperidade, mas solitário, pois ele despreza as pessoas. Através da experiência tornou-se um homem sábio; mesmo que sua aparência possa ter algo de peculiar, merece mais tua admiração do que teu escárnio.

– Assim contou-me meu pai; demonstrei-lhe meu pesar por meu comportamento brutal contra o bom homenzinho e meu pai deu-me a outra metade do castigo que tinha em mente para mim. Contei a meus companheiros as admiráveis venturas do pequeno e tomamos tal gosto por ele que mais ninguém

o xingava. Pelo contrário, nós o respeitamos enquanto viveu e sempre nos curvávamos frente a ele tanto quanto diante de um cádi⁴ ou mufti⁵.”

*

Os viajantes decidiram tirar um dia de descanso nesta caravana para fortalecerem a si e aos animais para prosseguir viagem. A alegria de ontem também se manteve neste dia e eles divertiram-se com todo tipo de jogos. Depois da refeição, porém, chamaram o quinto comerciante, Ali Sizah, para também cumprir o seu devido aos demais e contar uma história. Ele respondeu que sua vida era muito pobre em incidentes marcantes, para que ele quisesse compartilhar alguma coisa com eles, por isso queria contar-lhes sobre outra coisa, a saber, a *história do falso príncipe*.

4 Um cádi é um juiz muçulmano que julga segundo a charia, o direito religioso islâmico.

5 Um mufti é um acadêmico islâmico a quem é reconhecida a capacidade de interpretar a lei islâmica (Charia), e a capacidade de emitir fataawa (“fatwas”).